



## A PALAVRA QUE ME FAZ OUTRO: QUESTÕES DE SUBJETIVIDADE E INTERCULTURALIDADE

Michele Andreza Teixeira Passini <sup>1</sup>

Aprender uma língua estrangeira é sempre, um pouco, tornar-se um outro. (REVUZ)

Devido ao seu caráter de língua franca<sup>2</sup>, o inglês ocupa o primeiro lugar no interesse de pessoas que buscam inserir-se no mercado de trabalho e, de forma mais geral, no contexto do mundo globalizado. Com isso, o número de escolas de idiomas é crescente, e a preocupação com questões de ensino-aprendizagem de língua estrangeira conquistam cada vez mais espaço no cenário acadêmico. Entretanto, a entrada do sujeito em um novo universo trazido por uma nova língua encontra-se ainda bastante enigmático.

Por estar na maioria das vezes relacionada a exigências do mercado de trabalho, a língua pode adquirir um caráter instrumental e mercantilista, isto é, passível de ser adquirida e negociada. Essa representação de língua como mero instrumento de comunicação nos instiga a um questionamento: por que mesmo diante de condições ideais de aprendizagem (cognição, método, ambiente) a tarefa de “dominar” uma língua estrangeira poderia torna-se intangível? O que faria com que o caminho a tão almejada fluência, tal como prometida pelas escolas de idiomas, mostrasse ser longo e turbulento? No presente trabalho nos propomos a refletir acerca da aprendizagem de língua estrangeira tendo como fio condutor a questão da subjetividade daquele que se lança neste desafio.

### *Língua e Subjetividade*

De acordo com Christine Revuz (2002) a consideração da língua simplesmente como um objeto de comunicação constitui um erro uma vez que:

As línguas são objetos de investimentos fortes, frequentemente passionais. Se nos arriscarmos a construir hipóteses sobre aquilo que motiva esses movimentos de eleição ou rejeição, perceberemos de imediato que a língua ocupa, dentre os objetos de aprendizagem, um lugar a parte.

A autora prossegue mencionando que o contato com uma nova língua solicita três esferas existenciais básicas na constituição da subjetividade. A primeira das esferas refere-se a

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pela Universidade de Passo Fundo – RS. Contato: michele.at@gmail.com

<sup>2</sup> De acordo com a enciclopédia das línguas no Brasil, disponível em [www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/leiamais\\_lingua\\_franca.html](http://www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/leiamais_lingua_franca.html) (Acesso em 27/06/2010), língua franca é entendido como uma “língua de intercurso para os falantes de diferentes línguas”.



relação do sujeito com o sistema de códigos da nova língua e costuma ser a mais salientada em materiais que destinam-se ao ensino de uma língua estrangeira. Sabe-se que, inicialmente, as aulas de línguas voltavam-se para questões de tradução e encontravam na gramática seu centro de atenção. Entretanto, acreditamos que este seja o aspecto mais simples dos três elencados pela autora.

O segundo pode apresentar-se um tanto mais desafiador, pois trata da relação do sujeito com seu corpo, no sentido de que este necessita convocar diferentes posições do aparelho fonatório. Podemos citar como exemplo alunos falantes de português como língua materna que ao aprender inglês encontram na pronúncia do /th/ um grande desafio, já que não possui tal som no conjunto fonológico de sua língua materna. Contudo, atualmente encontramos materiais didáticos que se dedicam a explorar tal aspecto em suas atividades, o que contribui para uma conscientização fonética por parte do aluno.

A última delas, no entanto, mostra-se mais complexa, pois se trata da tomada da palavra na língua estrangeira, ou seja, da relação do sujeito consigo próprio, em termos daquele que se autoriza a enunciar em primeira pessoa, nas palavras de Revuz (2002, p.217) refere-se a “afirmação do eu”. Classificamos esta como a mais complexa das esferas porque partimos do pressuposto que o aluno é, antes de tudo, um sujeito de linguagem, o que implica que a língua(gem) ocupe um lugar fundamental na constituição de sua subjetividade.

### *O sujeito e a língua*

O caráter afetivo da língua materna é trazido por Amati-Mehelr, Argentieri e Canestri (2005, p.98), ao observarem a não-coincidência das diferentes formas como “‘Madre língua’, ‘mother tongue’, ‘alma mater’ são algumas entre tantas imagens verbais que exprimem sugestivamente esta ideia de que a função da linguagem é retirada do seio materno junto com o leite.” Para a psicanálise, cujo objeto não se encontra sem a língua, a língua materna tem papel fundamental nas questões de subjetividade, já que conforme afirma Elia (2007) o que chega ao bebê é “um conjunto de marcas materiais e simbólicas – significantes – introduzidas pelo Outro materno, que suscitarão, no corpo do bebê, um ato de resposta que se chama sujeito”.

Partindo, portanto, do pressuposto que o sujeito é sujeito de linguagem, como se daria o encontro do sujeito com outra língua que não aquela na qual se (re) conhece como sujeito e na qual (re) conhece o mundo? Diante dessa língua outra, estrangeira, que se mostra a princípio, opaca e



sem marcas, instaura-se para o sujeito um verdadeiro enigma. O conceito de enigma trabalhado por Figueiredo (1998, p.69) constitui-se relevante neste contexto:

Falar em enigmas é já comprometer-se com um “algo” que deixou de ser e ainda não é. Há nos *enigmas* uma *falta* – a falta de sentido, a falta de função – e um *excesso* – uma espécie de *sobra irreduzível e promissora*. Efetivamente se o enigma fosse apenas o “sem-sentido”, ele não engendraria a pulsão tradutiva cuja função será exatamente a de lhe dar um ser interpretável.

Portanto, essa língua enigmática que desestabiliza o sujeito, oferece, de certo modo, dois caminhos a seguir, isto é, pode apresentar-se sedutora no sentido de ser um universo a ser descoberto, ou amedrontadora, como uma escuridão. Em casos de imigração tais sentimentos tendem a se mostrarem mais intensos, pois há uma imersão inexorável não apenas na nova língua como na outra cultura.

No contexto de aprendizagem formal de uma língua estrangeira, a tomada da palavra pelo sujeito costuma seguir uma das duas possibilidades apresentadas acima: o deslumbre ou a resistência. Percebemos que a resistência emerge nos enunciados de alguns alunos deixando marcas. Visivelmente presentes nos enunciados, esses traços de língua materna foram sistematizados por Larry Selinker, em 1972, em seu artigo *Interlanguage*. Segundo o autor, ao tentar se comunicar na língua-alvo, o sujeito produz sentenças que não correspondem ao que enunciaria um falante nativo daquela língua, mas também não estão na sua língua materna, correspondendo, portanto ao um sistema linguístico híbrido com características próprias que, na visão de Selinker seria a chave para a compreensão dos processos da aprendizagem de uma segunda língua.

Embora definida por Lightbown e Spada (2006, p. 80) como dinâmica e passível de modificações à medida que o aluno aprimora seus conhecimentos na língua-alvo, Selinker destina significativa atenção há alguns aspectos de interlíngua que, embora sejam enfatizados em instruções, são recorrentes e persistem nos enunciados dos aprendizes. O autor propõe denominá-los estruturas fossilizáveis:

O fenômeno de estruturas fossilizáveis refere-se a itens linguísticos, regras, e subsistemas os quais os falantes de uma língua nativa particular tenderão a manter em sua interlíngua relativa a uma particular língua-alvo, independente da idade do aprendiz ou da quantidade de explicações e instruções que eles recebem na língua-alvo. (SELINKER, L. 1972, p.215)<sup>3</sup>

Com base nas palavras do autor, podemos perceber que esses traços “estranhos” a língua alvo tendem a permanecer nas produções orais, independente das características do sujeito falante

<sup>3</sup> Tradução de nossa responsabilidade, correspondente ao original: “Fossilizable linguistic phenomena are linguistic items, rules and subsystems which speakers of a particular native language will tend to keep in their interlanguage relative to a particular target language, no matter what the age of the learner or amount of explanation and instruction he receives in the target language”.



bem como das orientações pedagógicas a ele direcionadas. O linguista segue afirmando que por mais que tais estruturas sejam evitadas em determinadas vezes, sua recorrência não é impossível: “É importante notar que as estruturas fossilizáveis tendem a permanecer em potenciais desempenhos, (re) emergindo no desempenho produtivo de uma interlíngua até mesmo quando aparentemente erradicada”<sup>4</sup>. (SELINKER, 1972, p. 215) Para o autor, o ponto crucial a ser explicado por subseqüentes teorias refere-se a explicação do reaparecimento dessas estruturas.

Em nosso entender as estruturas ditas fossilizáveis podem ser entendidas como indícios de resistência a nova língua. Seria uma espécie de presença-ausente da língua materna, como se ela fosse uma luz na escuridão da língua estrangeira. A fim de exemplificar a interlíngua, apresentamos abaixo um trecho da produção oral de uma aluna cujo estudo formal de inglês ultrapassa os cinco anos:

Ex.1. “In my formature I cried very during the music (...).”

[*Na minha formatura eu chorei muito durante a música*]

O termo utilizado pela aluna “formature” não consta no *Longman Dictionary of Contemporary English*, o que indica que ao invés de “graduation” a aluna buscou recurso na sua língua materna, o que constitui uma transferência e, portanto, marca de interlíngua.

Poderíamos seguir com inúmeros exemplos de interlíngua tão presentes eles se fazem na produção oral e escrita dos aprendizes, entretanto, não se adequaria em nosso presente objetivo. Livros como o de Michael A. Jacobs intitulado *Como não aprender inglês* voltado a demonstrar os “erros” que costumam ser cometidos por falantes brasileiros ao falarem inglês. Esse livro já ultrapassou a marca de 20.000 exemplares vendidos, o que demonstra como a presença de traços de língua materna, seja nos níveis morfológico, sintático, fonético-fonológico ou, semântico é vista como um problema a ser sanado.

Assim como há aqueles que resistem à língua estrangeira materializando tal conflito em seus enunciados, há outros que aceitam o convite do desconhecido, vendo no “estrangeiro” uma possibilidade de privilégio, conforme explicita Goldenberg (1998, p.80): “quando existe uma paixão pela própria estraneidade ela decorre de uma crença importada dos outros de que, sim, eu teria acesso a uma mordomia, ao privilégio de poder gozar mais e melhor do que o resto”.

Assim, atitudes como preferir se chamado por um correspondente ao seu nome na língua-alvo, por exemplo, Charles ao invés de Carlos ou Joseph no lugar de José são bastante

---

<sup>4</sup> Tradução de nossa responsabilidade, correspondente ao original: “It is important to note that fossilizable structures tend to remain as potential performance, reemerging in the productive performance of an IL even when seemingly eradicated”.



significativas, já que o nome é um dos aspectos mais emblemáticos da identidade. Ernesto Sérgio Bertoldo (2003) apresenta um estudo de caso a fim de explorar a questão da “identificação do enunciador com o falante nativo da língua estrangeira” (BERTOLDO, 2003, p.87) de um falante considerado altamente proficiente em inglês. O autor demonstra, por meio de sequências discursivas, a importância atribuída ao fato do brasileiro ter sido confundido com um falante nativo de língua inglesa. Tal fato indica o ideal buscado por muitos dos aprendizes de língua estrangeira, chegar a um nível de proficiência classificado como *native-like*, ou seja, falar como se fosse um falante nativo da língua. Ao se atingir tal objetivo, excluindo a presença de traços que denunciem uma “estrangeirice” aos ouvintes, como por exemplo, através do sotaque, o falante ali estrangeiro poderia, ao passar despercebido, tornar-se um outro, inaugurando, assim, um novo lugar do qual pode enunciar.

Isso se deve ao fato de que a identidade, ao contrário do que pode parecer, não é fixa e imutável, mas passível de ser deslocada conforme o sujeito se encontra em experiências que lhe possibilitem uma ressignificação. Conforme afirma Coracini (2003, p.151):

(...) se postularmos o sujeito cindido, descentrado, inconsciente, habitado pelo outro, incapaz de se definir como uno, estável, igual a si mesmo (e, portanto distinto dos demais), a não ser na dimensão representativa, isto é, imaginária (...) e a linguagem, enquanto heterogênea, não podemos acreditar na possibilidade de uma identidade acabada, descritível; só podemos postular momentos de ‘identificação’ em movimento constante e em constante modificação.

Portanto, o contato com o “estrangeiro”, com o outro, mobiliza os sentidos, instaura novas possibilidades, modificações e mobiliza os processos identitários do sujeito. Seja a sedução ou terror, o fato é que tal experiência não passa sem deixar marcas no sujeito, tal como ressaltam Amati-Mehelr, Argentieri e Canestri (2005, p.138): “Às vezes, uma nova língua representa uma âncora de salvação, um refúgio para “renascer”. Outras vezes, pode ser um expediente para mutilar o próprio mundo interno.” É neste sentido que acreditamos que as questões da tomada da palavra em outra língua merecem aprofundamento teórico, evitando o reducionismo de um processo tão complexo.

### *Considerações Finais*

Com base no que foi mencionado ao longo do texto, observamos que entrar em contato com uma língua estrangeira, não se reduz a apreensão de um código linguístico diferente daquele da língua materna ou a memorização de determinados sons. Ao operarmos com a noção de sujeito de linguagem, para o qual a língua(gem) tem caráter determinante em termos de subjetividade, o



contexto de aprendizagem de línguas torna-se um momento privilegiado de deflagração da movência da identidade desse sujeito.

### *Bibliografia*

AMATI-MEHLER, J.; ARGENTIERI, S.; CANESTRI, J. *A Babel do Inconsciente*. Língua materna e Línguas Estrangeiras na dimensão psicanalítica. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

BERTOLDO, E. S. O contato-confronto com uma língua estrangeira: A subjetividade do sujeito bilíngüe. In: CORACINI, M. J. (org.). *Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

CORACINI, M. J. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, M. J. (org.). *Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FIGUEIREDO, L. C. *A questão da alteridade nos processos de subjetivação*. In: KOLTAI, C. O estrangeiro. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998.

GOLDENBERG, R. Estrangeirice: modo de usar. In: KOLTAI, C. O estrangeiro. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998.

JACOBS, M. A. *Como não aprender inglês*. São Paulo: Campus, 2002.

LIGHTBOWN, P.; SPADA, N. *How languages are learned*. Third Edition. Oxford University Press, 2006.

LONGMAN Dictionary of Contemporary English. Third Edition. 2004. 1948p.

SELINKER, L. *Interlanguage*. IRAL. Vol. X/3, August, 1972. PP. 209-231.